

INFORMATIVO SEMESTRAL

Mulheres em Rede

Cuidando de quem cuida

Setembro – ED.06



**BELO
HORIZONTE**
PREFEITURA DO POVO

AQUI O TRABALHO NÃO PARA



Prefeito de Belo Horizonte

Álvaro Damião Vieira da Paz

Secretária Municipal de Educação

Natália Araújo

Subsecretaria de Inclusão, Equidade e Clima Escolar

Arminda Aparecida de Oliveira

Subsecretaria de Gestão Pedagógica

Arminda Aparecida de Oliveira

Diretoria de Políticas Afirmativas

Maricélia da Silva Palhares

**Coordenação de Promoção dos Direitos Humanos
e Pluralidades Educacionais**

Rebeca Cristina Nunes Lloyd Gonçalves

FICHA

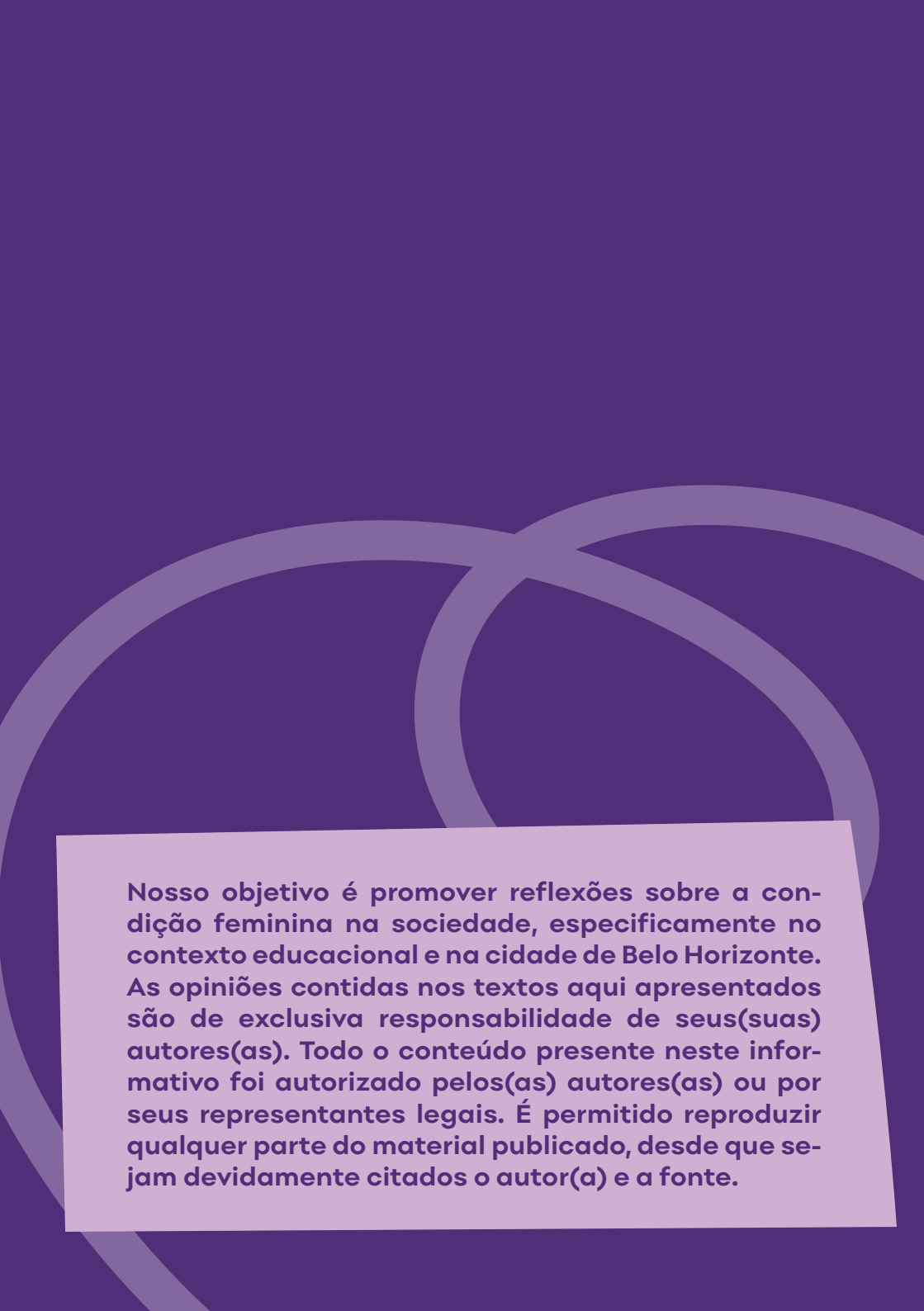
Diretoria de Comunicação Social da
Secretaria Municipal de Educação
Diagramação, revisão e projeto gráfico

Organização e Redação

Fabiana Régis de Oliveira Souza
Mário Emmanuel de Oliveira Moraes
Rebeca Cristina Nunes Lloyd Gonçalves



TÉCNICA



Nosso objetivo é promover reflexões sobre a condição feminina na sociedade, especificamente no contexto educacional e na cidade de Belo Horizonte. As opiniões contidas nos textos aqui apresentados são de exclusiva responsabilidade de seus(suas) autores(as). Todo o conteúdo presente neste informativo foi autorizado pelos(as) autores(as) ou por seus representantes legais. É permitido reproduzir qualquer parte do material publicado, desde que sejam devidamente citados o autor(a) e a fonte.

O Informativo **Mulheres em Rede** atua como um canal de comunicação da Diretoria de Políticas Afirmativas, por meio da Coordenação de Promoção dos Direitos Humanos e das Pluralidades Educacionais, vinculada à Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

A finalidade do informativo é fornecer práticas que incentivem a adoção de abordagens inclusivas e construtivas, visando o aprimoramento de políticas que favoreçam a equidade de gênero e o combate às violências direcionadas a mulheres e meninas na cidade de Belo Horizonte. O informativo fundamenta-se nas legislações vigentes, dentre elas:

- **Plataforma ONU Mulheres 50X50**, da qual a cidade de Belo Horizonte é signatária;
- **Resolução CMDM 03/2019** do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, que dispõe sobre o Plano Municipal de Equidade entre Mulheres e Homens da PBH em parceria com a ONU Mulheres nas secretarias municipais;
- **Lei PBH 11.167/2019**, que determina a flexão de gênero – feminino e masculino – nos documentos oficiais municipais da PBH. (Acessível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1210886>);
- **Lei Federal 14.164/2021**, que alterou a LDBEN, para incluir a prevenção da violência contra a mulher como tema transversal nos currículos. (Acessível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/junho/lei-inclui-a-prevencao-a-violencia-contr-a-mulher-no-curriculo-escolar>);
- **Lei nº 11.407/2022**, que institui o Programa de Dignidade Menstrual na rede pública municipal de ensino;
- **Lei Federal nº 14.986/24**, que institui a Semana de Valorização das Mulheres, a fim de que as escolas de educação básica, tanto públicas quanto privadas, possam integrar em seus currículos conteúdos sobre as contribições das mulheres nas áreas de história, ciências, arte e cultura.

A experiência vivenciada por muitas mães de crianças neurodivergentes envolve a espera prolongada por diagnósticos, lidar com jornadas extenuantes dedicadas ao cuidado e o enfrentamento contínuo da busca por suporte e acolhimento adequados.

Esta realidade demanda das mães aprender a decifrar o mundo a partir das sutilezas e detalhes, a fim de (re)criar caminhos e possibilidades para seus(as) filhos(as). Em meio à sobrecarga, às renúncias e à resistência diária, (re)nasce a **ESPERANÇA** e essa mania teimosa do coração das mães em não desistir de seus(as) filhos(as) e de lutar e ofertar possibilidades de caminhos que eles e elas possam trilhar.

Bem-vindas(os) ao Informativo Mulheres em Rede. Convidamos a todas e todos a mergulhar no complexo, profundo e instigante mundo das mães e suas crianças neurodivergentes.

Sem perder a ESPERANÇA do horizonte.

CANÇÃO DE ESPERANÇA

Flávia Wenceslau (2007)

*A esperança
Tece a linha do horizonte
Traz tanta paz
Em reluzente e doce olhar*

*Que nos conforta
Quando o mar não é tão manso
Quando o que resta
É só o frio sem luar*

*E nasce leve, devagar
Em uma canção de ninar
Que nos acolhe pra dizer*

O amor jamais deixou você

*Ó esperança és para sempre, sempre viva
Te ofereço a minha casa pra morar*



*Nos meus sentidos quero ter os teus conselhos
Na minha voz eu quero sempre ir te encontrar*

*Se alguma coisa eu temer
Estou contando com você
Pra me dizer ao me acalmar
Que o amor jamais me deixará
Ah, ah, ah...*

*E nasce leve, devagar
Em uma canção de ninar
Que nos acolhe pra dizer
O amor jamais deixou você*



Flávia Wenceslau
Acervo: Imagem extraída da internet

<https://www.youtube.com/watch?v=WgqzagglJm>

MATERNIDADES DIVERSAS

A maternidade, enquanto experiência plural e socialmente construída, tem sido historicamente atravessada por discursos normativos que exaltam o papel materno, associando-o à dedicação absoluta, resiliência incondicional e idealização do cuidado. No entanto, na contemporaneidade, surgem vozes que contestam esse modelo hegemônico da maternidade. Nesse cenário, destaca-se a vivência da maternidade atípica, termo utilizado para designar as mães de crianças com desenvolvimento neurodivergente, como as crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

São mulheres que enfrentam desafios únicos que atravessam o emocional, social e pessoal, exigindo a construção de novos significados para a experiência materna.



Frente à sobrecarga e à invisibilização institucional, muitas mães encontram em projetos de acolhimento, espaços propícios para narrar suas dores e articular estratégias de (re)construção de suas rotinas e realidades por meio de uma construção coletiva e resiliente.

A expressão **"maternidade atípica"** ganha força nos movimentos sociais por criar possibilidades de pertencimento social e político que auxiliam a dar visibilidade às experiências vivenciadas por estas famílias. Experiências atravessadas por realidades distintas entre si, sem perder de vista uma experiência homogênea de sentidos próprios a partir dos cotidianos experimentados por cada mãe.

É nos espaços de diálogo que muitas mães de crianças neurodivergentes se fortalecem e encontram um lugar real de combate ao isolamento social que frequentemente acompanha a jornada de cuidar de filhos(as) com deficiências, transtornos (como TEA e TDAH) ou doenças raras.

CUIDANDO DE QUEM CUIDA

O ato de cuidar vai muito além de um simples zelo. É o ato de **colocar o pensamento e o coração no bem-estar de outra pessoa**. Cuidar é, portanto, a forma mais instintiva de reconhecimento da existência do próximo. O cuidado é a base de todas as relações humanas. Nacemos dependentes e, ao longo da vida, atravessamos ciclos em que o amparo alheio é a única garantia de dignidade, seja no riso de uma criança, na rotina de uma pessoa com deficiência ou na sabedoria fragilizada de um(a) idoso(a). O cuidado é o que nos torna humanos!

Por gerações, a sociedade operou sob a ilusão de que o cuidado era uma 'vocação natural' das mulheres, em particular, das mulheres negras e de baixa renda, uma tarefa silenciosa que ocorria entre quatro paredes. Essa percepção inviabilizou o esforço de milhões de brasileiras que, ao cuidarem de crianças, idosos(as) e pessoas com deficiência, sacrificaram suas trajetórias profissionais e sua saúde. No entanto, o cuidado não é um destino biológico; é uma necessidade humana universal.

Transformar o cuidado em um dever coletivo significa reconhecer que a vulnerabilidade de um(a) é responsabilidade de todos(as). Quando uma criança é bem cuidada, o futuro da sociedade tem possibilidades melhores. Quando um(a) idoso(a) tem sua dignidade preservada, nossa humanidade é reafirmada.

O afeto que move o cuidado deve ser um motor de conexão, nunca uma âncora de desigualdade. Ao coletivizar o cuidado, devolvemos às mulheres o direito ao tempo, à escolha e ao futuro, enquanto garantimos aos que mais precisam uma rede de proteção robusta, profissional e, acima de tudo, digna.



Com o objetivo de romper com a lógica da **"solidão cuidadora"**, o Governo Brasileiro lançou o **Programa Brasil que Cuida**, convocando o Estado e a sociedade para dividir essa tarefa. O **"Plano Nacional de Cuidados Brasil que Cuida"** é a estratégia do Governo do Brasil para garantir o direito ao cuidado a todas as pessoas ao longo do ciclo da vida.

Brasil Que Cuida
Acervo: Imagem extraída de Portal Gov.br

É o instrumento de implementação da Política Nacional de Cuidados, instituída pela **Lei nº 15.069/2024**. O Plano Brasil que Cuida promove a valorização do cuidado como trabalho, direito humano e bem público, combatendo desigualdades de gênero, raça, classe, território e deficiência.

PARA SABER MAIS, ACESSE:

Acesse em:

<https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/brasil-que-cuida/plano>

<https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/brasil-que-cuida>



CONHEÇA A POLÍTICA MUNICIPAL DE CUIDADO DE BELO HORIZONTE



Simone de Souza Pegoreti possui graduação em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. É especialista em Psicanálise nas Instituições pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e especialista em Políticas Públicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É mestra em Ciência Política nesta mesma universidade pela UFMG. Atualmente é Diretora de Políticas de Cuidados da Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Simone de Souza Pegoreti
Acervo: Arquivo de Simone de Souza Pegoreti

SOBRE A POLÍTICA MUNICIPAL DE CUIDADO, SIMONE NOS CONTA:

A Política Municipal do Cuidado de Belo Horizonte, instituída pela Lei Municipal nº 11.751/2024, reconhece o cuidado como um direito e parte fundamental da sustentação da vida em sociedade. Coordenada pela Diretoria de Políticas para o Cuidado da Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos, a política parte do reconhecimento da interdependência entre quem cuida e quem necessita de cuidados, compreendendo que todas as pessoas, ao longo da vida, cuidam e precisam ser cuidadas.

No campo da educação, a Política do Cuidado reafirma o papel estratégico das escolas e das comunidades escolares na construção de redes de proteção, acolhimento e apoio às famílias. A parceria entre a **Secretaria Municipal de Educação (SMED)** e a **Diretoria de Políticas para o cuidado** tem possibilitado a elaboração de iniciativas inovadoras voltadas ao compartilhamento do cuidado, ao fortalecimento dos vínculos comunitários e à promoção de maior corresponsabilidade social nas tarefas de cuidado.

Entre as iniciativas desenvolvidas, destacam-se ações de escuta e apoio às famílias e projetos voltados à promoção de relações mais solidárias, cooperativas e inclusivas no ambiente escolar. Essas ações contribuem para enfrentar desigualdades que historicamente sobrecarregam mulheres e famílias, especialmente nos territórios mais vulnerabilizados.

Ao colocar o cuidado no centro das políticas públicas, Belo Horizonte fortalece a construção de uma cidade mais justa, humana e comprometida com o bem-estar coletivo.



Política Municipal de Cuidados
Acervo: Imagem extraída do portal prefeitura.pbh.gov.br

Acesse em:

<https://prefeitura.pbh.gov.br/assistencia-social-e-direitos-humanos/cuidado>





O PROJETO 'UMA EM AÇÃO'

O Projeto União de Mães Atípicas — UMA é uma parceria entre as Secretarias Municipais de Educação (SMED) e de Assistência Social e Direitos Humanos (SMASDH) cujo objetivo é fortalecer a rede de apoio às mães e demais cuidadoras de estudantes com necessidades específicas, matriculados(as) na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, por meio das **Rodas de Acolhimento: Escola e Família em Diálogo**, com foco em escuta qualificada, participação social e valorização do cuidado como direito.



"Onde existe o cuidado, existe esperança. Mas onde existe o cuidado compartilhado, existe liberdade. O Projeto UMA é o ponto de encontro para transformar o isolamento em abraço e o desafio em diálogo".

Símbolo Internacional de Acessibilidade
Acervo: Imagem extraída da internet

MINHA VIVÊNCIA COM O PROJETO UMA

"Participar do **Projeto UMA** foi uma experiência que me tocou profundamente, não apenas como mãe atípica, mas como mulher que vive diariamente os desafios e as conquistas da inclusão. O projeto transformou meu olhar comigo mesma.



Sou mãe de 03 crianças. uma delas é um adolescente autista e, ao longo dessa jornada, aprendi que a inclusão vai muito além de garantir uma vaga na escola. Inclusão é pertencimento, é respeito às diferenças, é compreender que cada criança aprende de uma forma e que todas merecem oportunidades reais para desenvolver seu potencial. E acreditem - elas aprendem; pode demorar um pouco mais, o percurso pode ser mais longo, mas elas aprendem.

Por isso, estar em um espaço onde minha voz foi ouvida, acolhida e valorizada foi algo muito especial.

No Projeto UMA, encontrei escuta, diálogo e, principalmente, pessoas dispostas a compreender nossas vivências. Um momento que considero histórico, a oportunidade de sermos ouvidas sem julgamentos. Mais do que falar sobre nossos filhos, falar sobre nós mesmas, nossas dores, nossos desafios e nossas conquistas. Uma escuta genuína e de construção de pontes entre famílias e profissionais da educação. Uma das minhas maiores lutas tem sido pela adaptação pedagógica e pela construção de uma escola inclusiva de verdade. Estamos no processo, mas é importante falar que nessa jornada tive a alegria de encontrar profissionais que acreditaram no meu filho, respeitaram suas particularidades e contribuíram para seu desenvolvimento e autonomia. Essas experiências me mostraram que a inclusão acontece quando existe sensibilidade, conhecimento e vontade de fazer a diferença.

Um dos pontos que mais me marcou no Projeto UMA foi perceber o quanto esse espaço tem aproximado as famílias das escolas. Muitas mães atípicas, como eu, acabam sendo vistas apenas como "briguentas", "exigentes" ou "reclamonas", sempre na "defensiva" quando, na verdade, estamos lutando diariamente pelos direitos e pelas necessidades dos nossos filhos."

Deulane Bernardes
Acervo: Deulane Bernardes



A maternidade atípica é intensa. Muitas vezes, dedicamos tanto tempo e energia aos cuidados dos nossos filhos que acabamos nos esquecendo de nós mesmas. Deixamos de cuidar da nossa aparência, adiamos sonhos, abrimos mão de oportunidades profissionais e colocamos nossas próprias necessidades em segundo plano. Aos poucos, corremos o risco de deixar de nos enxergar como mulheres para sermos apenas cuidadoras.

O Projeto UMA nos convidou a olhar para nós novamente. A reconhecer nossa força, nossa identidade e a importância do autocuidado. Nos mostrou que, para cuidar bem dos nossos filhos, também precisamos ser cuidadas, acolhidas e valorizadas.

Participar desse encontro me fez sentir vista. Não apenas como mãe de uma pessoa autista, mas como mulher, cidadã e parceira na construção de uma educação mais inclusiva. E acredito que esse seja um dos maiores potenciais do projeto: humanizar as relações, fortalecer vínculos e criar um ambiente de confiança entre escola e família, onde todos possam caminhar juntos pelo desenvolvimento das nossas crianças.

Agradeço muito pela oportunidade de fala, carrego comigo a certeza de que, quando escola, família e comunidade caminham juntas, criamos oportunidades reais para que todos os alunos possam desenvolver seu potencial e pertencer verdadeiramente ao ambiente escolar. **INCLUSÃO SE FAZ POR PESSOAS.**

Deulane Bernardes,

Mãe, Esposa, Amiga, Empresária e Ativista da Causa Autista.



Rumena Depoimento

Psicologia Escolar no Projeto Psicólogos e Assistentes Sociais na Educação (PAS)



Rumena
Acervo: Pessoal de Rumera

Rumena, psicóloga, pós-graduada em Terapia ABA no Autismo e em Psicologia Escolar, atua como referência na Psicologia Escolar no Projeto Psicólogos e Assistentes Sociais na Educação (PAS), compartilha sua perspectiva enquanto mãe atípica;

"Sou Rumena, 48 anos, mulher e mãe atípica. Acometida por fibromialgia desde criança, sofro com dores crônicas que sempre foram invisibilizadas. Além disso, há uma suspeita de TDAH. Minha filha Clara, 18 anos, TDAH com suspeita de TEA nível 1 de suporte. Ambas com diagnóstico tardio.

Por trás do ouvir uma queixa, existe a dificuldade em escutar e o preconceito sobre deficiências e transtornos que atrasam nosso processo de desenvolvimento.

Faço parte do grupo Família Azul, um coletivo de famílias atípicas com 90 pessoas em média, que nasceu em Barra da Estiva, Chapada Diamantina - Bahia, mediante uma iniciativa particular e cresceu com a ajuda da sociedade civil. Em sua maioria, são mães que se apoiam na busca por tratamentos e para uma melhor qualidade de vida para seus filhos(as) e para si mesmas.

As rodas de acolhimento acontecem mensalmente e o grupo de apoio através do *WhatsApp*, fortalece as mães e ajuda na compreensão dos sinais, bem como promove a troca de informações.

Sinto que, se este grupo tivesse o apoio do poder público, como acontece no Projeto UMA em BH, as mães, crianças e adolescentes teriam maiores e melhores condições de cuidado e autocuidado."

Quando um diagnóstico chega, muitas vezes o nome da mulher é substituído por "**Mãe de...**". Aos poucos, os sonhos antigos, as músicas favoritas e os talentos que nada têm a ver com a maternidade vão sendo guardados em gavetas esquecidas. Resgatar essa identidade é um exercício de memória e coragem, que não precisa, e nem deve ser, um voo solitário.



AS PERCEPÇÕES DAS FAMÍLIAS



Regional Barreiro - EMEI Cardoso

Depoimento

Ana Paula Dias Teixeira
Mãe de estudante TEA suporte 1

"Participar do projeto UMA – Projeto das Mães Atípicas, na EMEI Cardoso, foi uma experiência verdadeiramente marcante na minha vida. Mais do que encontros, foram momentos de acolhimento, troca e conexão genuína entre mulheres que vivem realidades intensas e, muitas vezes, desafiadoras.

Durante o projeto, vivemos de tudo um pouco: rimos juntas, choramos, brincamos e, principalmente, tivemos a oportunidade de desabafar sem julgamentos. Foi um espaço seguro, onde cada história foi ouvida com respeito e empatia. Esse acolhimento fez toda a diferença, trazendo leveza para o coração e fortalecendo cada uma de nós.

O UMA não foi apenas um projeto, foi um apoio emocional, um respiro no meio da rotina e um lembrete de que não estamos sozinhas. Saio dessa experiência mais forte, mais compreendida e muito grata por tudo que vivi ali.

Deixo aqui meu sincero agradecimento à Escola Municipal de Educação Infantil Cardoso por proporcionar algo tão importante e transformador. Que esse projeto continue alcançando e acolhendo muitas outras mães".



EMEI Cardoso
Acervo: EMEI Cardoso

EMEI Cardoso

Depoimento

Ellen
Avó de estudante T21

"Eu me chamo Ellen, sou avó de estudante do turno da tarde da escola EMEI Cardoso. Estou passando aqui, rapidinho, para poder contar um pouco sobre a minha experiência em relação ao encontro de mães atípicas. Foi maravilhoso, um dia inesquecível de troca, acolhimento, lágrimas e sorrisos.

Eu me senti amada, acolhida. Pude falar tudo o que eu sentia. Tive alguém para me ouvir com um olhar amoroso de carinho e com o coração aberto. Pude abraçar outra mãe com o mesmo sentimento que o meu, que tem uma criancinha que precisa de ajuda, estímulo, carinho, que precisa de caminhar junto de mãos dadas, porque se soltar a mão pode se perder.

Foi muito bom, uma experiência maravilhosa. Foi um encontro que estou contando os dias para poder acontecer outro. E fora que eu nem sabia que a escola tinha outras crianças com síndrome de Down.

Pude conhecer a outra mãe, pudemos trocar experiências, eu pude ajudá-la a encontrar um profissional que ela procurava, sendo a fonoaudióloga. Foi maravilhoso mesmo.

Se todas as mães que têm uma criança especial tivessem a oportunidade de participar de um grupo desse, para elas seria sensacional.

Porque pode nos ajudar a conectar com outras pessoas que estão dispostas a nos ajudar com o coração aberto, sem olhar de crítica, sem... — Ai, coitado, ai, se fosse meu filho faria isso... A gente pode falar o que a gente sente, sem medo. É o mais importante. Dar alguém para ouvir e a gente saber que a gente vai poder ouvir alguma coisa positiva, para melhorar, para mudar, que venha acrescentar e não diminuir, porque o mundo lá fora já tem essa cobrança enorme.

Só quem tem um filho com síndrome de Down ou autista sabe o que é, sabe a luta que é diária. Mas eu estou muito feliz com tudo, a escola, com o encontro, com os profissionais, com tudo. É muita alegria, gratidão. Que Deus abençoe!"



EMEI Cardoso
Acervo: EMEI Cardoso



Regional Oeste

Depoimento

Escola Municipal João do Patrocínio
Lilian mãe de estudante

"Passando para agradecer por mais uma reunião conosco, mães atípicas, têm sido uma experiência muito boa, porque é um momento em que tiro só para mim, pois não tenho rede de apoio. Então, é muito difícil eu ter um tempo em que posso tirar exclusivamente para mim e esse momento tem sido muito bom. Ontem mesmo cheguei lá muito cansada e saí de lá super leve. É um momento em que a gente ri, se distrai, partilha experiências. É um tempo de acolhimento para mães atípicas, e esse projeto tenho certeza que tem feito muito bem não só para mim, como para todas as mães. Esse projeto fez com que mostrasse para a gente que não estamos sozinhas. Obrigado mais uma vez. **Vocês estão de parabéns com esse projeto**".



Escola Municipal João do Patrocínio
Acervo: Escola Municipal João do Patrocínio

Regional Venda Nova Depoimento

E M Cônego Raimundo Trindade

Olá, meu nome é Erika, faço parte do UMA, que é a União das Mães Atípicas, que acontece na escola do meu filho, e estou vindo aqui para relatar um pouco dessa experiência tão prazerosa que tive a oportunidade de ter e passar, onde é uma troca de experiências, relatos, dificuldades, em que nós mães atípicas passamos com nossos filhos(as). Espero que esse projeto continue, porque tem sido muito bom para todas as famílias.



EM Cônego Raimundo Trindade
Acervo: EM Cônego Raimundo Trindade



EM Cônego Raimundo Trindade
Acervo: EM Cônego Raimundo Trindade



EM Cônego Raimundo Trindade
Acervo: EM Cônego Raimundo Trindade



Por Emily Kingsley-1987

Pedem-me muitas vezes para descrever a experiência de educar uma criança com deficiência – para tentar ajudar as pessoas que não partilharam essa experiência única a compreendê-la, a imaginar como se sentiriam. É como isto... Quando se vai ter um bebê, é como planejar uma fabulosa viagem de férias à Itália. Compramos um monte de guias e elaboramos nossos planos maravilhosos. O Coliseu. O David de Miguel Ângelo. As gondolas em Veneza. Talvez aprenda algumas frases úteis em italiano. É tudo muito emocionante. Após meses de grande expectativa, chega finalmente o dia. Faz-se as malas e parte-se. Várias horas depois, o avião aterrissa. A assistente de bordo entra e diz: "Bem-vindo à Holanda". "Holanda?!?", dizes tu. "O que é que quer dizer com Holanda? Eu me inscrevi na Itália! É suposto eu estar na Itália. Toda a minha vida sonhei em ir para a Itália." Mas houve uma alteração no plano de voo. Aterraram na Holanda e lá têm de ficar.

O importante é que não vos levaram para um lugar horrível, nojento, imundo, cheio de peste, fome e doenças. É apenas um sítio diferente. Por isso, tens de sair e comprar novos guias turísticos. E têm de aprender uma língua totalmente nova. E vais conhecer todo um novo grupo de pessoas que nunca teriam conhecido.

É um lugar diferente. Tem um ritmo mais lento do que a Itália, menos vistoso do que a Itália. Mas, após estarmos lá durante algum tempo e recuperarmos o fôlego, olhamos à nossa volta... e começamos a reparar que a Holanda tem moinhos de vento e tem tulipas. A Holanda até tem Rembrandt e Van Gogh.

Mas toda a gente que conhece está ocupada a ir e a vir de Itália... e todos se gabam do tempo maravilhoso que passaram lá. E para o resto da tua vida, vais dizer "Sim, era para lá que eu devia ir. Era isso que eu tinha planejado." E a dor disso nunca, nunca, nunca, nunca desaparecerá... porque a perda desse sonho é uma perda muito, muito significativa. Mas se passarmos a vida a lamentar o fato de não termos ido à Itália, talvez nunca sejamos livres de apreciar as coisas muito especiais, muito belas... da Holanda.

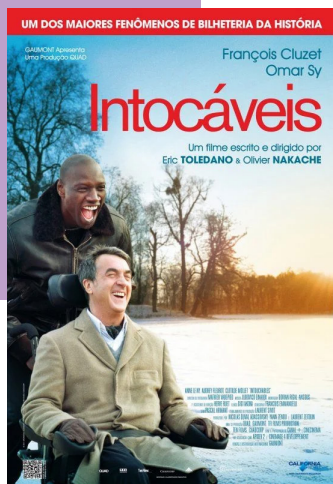
SE VOCÊ QUISER ESCUTAR ESSA HISTÓRIA:

Acesse em: <https://www.youtube.com/watch?v=n1xNAgCLI6Q>



No livro "Bem-Vindo à Holanda", Emily Kingsley já destacava as angústias e incertezas enfrentadas por mães de crianças neurodivergentes, ao mesmo tempo em que ressaltava a vasta gama de possibilidades de aprendizagens não formatadas que podemos descobrir com elas. Frente aos desafios e incertezas inerentes a essa realidade, surge uma questão fundamental: quem cuida de quem cuida? A seguir indicaremos materiais que buscam melhorar nosso repertório pedagógico a fim de responder essa questão.

Livro Bem-Vindo à Holanda
Acervo: Imagem extraída da internet



1. FILME

Intocáveis (2012)

O filme conta a história de Philippe, um homem rico que, após sofrer um grave acidente, fica tetraplégico. Precisando contratar um assistente, sua história cruza com a de Driss, jovem de baixa renda e sem nenhuma experiência na função de cuidador. O percurso trilhado pelos dois é de aprendizagem mútua. Driss contribui para a retomada da identidade e da autoestima de Philippe a partir de um trabalho que mostra o cuidado com as deficiências, mas também uma atenção ímpar com as potencialidades envolvidas.

Classificação indicativa: 12 anos

2. FILME

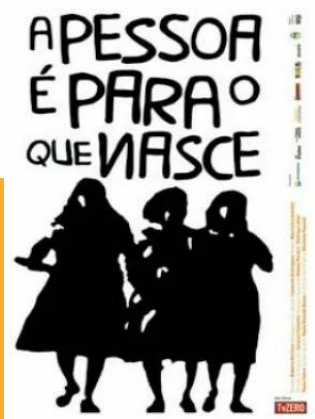
Cordas (2014)

O curta animado "Cordas" narra a amizade entre Maria, uma garotinha muito especial, e Nicolás, seu novo colega de classe, acometido pela paralisia cerebral. A pequena, vendo algumas das impossibilidades do amigo, não desiste e faz de tudo para que ele se divirta e consiga brincar.

Reconfigurando e recriando jogos e atividades, Maria celebra a vida do colega, aprende ao passo que ensina e emociona a todos(as) – inclusive os(as) espectadores(as), com as possibilidades do sonho e de uma amizade verdadeira. Ao final, uma surpresa especial, que lembra a todos da importância do educar e da relação que se estabelece no ensino e aprendizagem.



Classificação indicativa: Livre



3. FILME

A pessoa é para o que nasce (2002)

O documentário relata a história de três irmãs cegas de Campina Grande, Maria das Neves, Regina Barbosa e Francisca da Conceição. A narrativa mostra a leitura de mundo das mulheres e a dedicação do trio à música.

Classificação indicativa: Livre

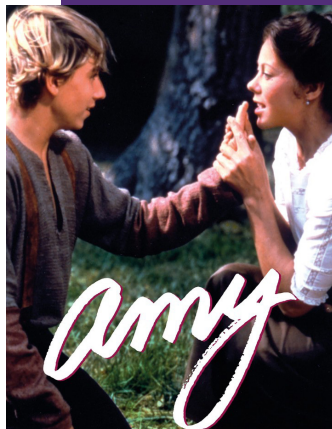


4. FILME

Amy: Uma vida pelas crianças

Após a morte de seu filho, Amy deixa seu marido para se tornar professora em uma escola para crianças com deficiência. Descobrimos uma nova razão para viver, ela se dedica a ensinar crianças surdas, ao mesmo tempo em que elas ensinam o verdadeiro sentido do amor.

Classificação indicativa: Livre



5. FILME

Assexybilidade (2023)

Histórias sobre a sexualidade de pessoas com deficiência. Um documentário que trabalha a sexualidade de pessoas com deficiência. O diretor Daniel Gonçalves escuta das pessoas com deficiência aquilo que socialmente não é esperado que elas digam e façam, rompendo com o estereótipo de que seriam seres assexuados ou desprovidos de desejos.

Classificação indicativa: 16 anos





6. FILME

Extraordinário (2017)

Auggie (Jacob Tremblay) é um garoto que nasceu com uma má formação facial, o que fez com que passasse por 27 cirurgias plásticas. Aos dez anos, ele vai pela primeira vez a uma escola regular. Lá, precisa lidar com a sensação constante de ser sempre observado e avaliado por todos à sua volta.

Classificação indicativa: Livre



7. FILME

Meu nome é Rádio (2003)

Todos os dias, ao redor da quadra de uma escola secundária na Carolina do Sul, circula James Robert Kennedy. Acompanhado de um carrinho de supermercado e um rádio, o jovem tinha por prática observar os intensos treinos de futebol americano liderado por Harold Jones, um treinador competitivo, que não tinha olhos para nada além do trabalho, tampouco para sua mulher e filha.

Um dia, uma brincadeira agressiva e capacitista do time com James o deixa assustado e o fecha ainda mais em seu silêncio – o jovem não fala. Até que um dia, o treinador resolveu convidá-lo para assistir a um treino e pouco a pouco o insere na equipe como um assistente.

O filme mostra a inclusão de "Rádio" – nome pelo qual James passa a atender – numa dinâmica antes marcada pela competição e altas habilidades, trazendo sensivelmente a possibilidade de aprendizagem em outros tempos e maneiras.

Classificação indicativa: 12 anos



LIVROS INFANTIS



"Daniel no mundo do silêncio"

Walcyr Carrasco e Cris Eich (Ática)

Quando Daniel perde a audição, aos sete anos, ele precisa aprender a se comunicar com as mãos. Seus pais e o irmão mais novo dão o maior apoio durante essa adaptação, e o matriculam em uma escola especializada em educação para surdos, onde ele aprende a Libras, a Língua Brasileira de Sinais. É assim que ele e a família se comunicam. Depois de um tempo, Daniel passa a frequentar simultaneamente uma escola comum.



Nesta, porém, ele sofre bullying e não consegue interagir com os colegas, pois ninguém compreende a língua de sinais. Tudo muda quando o garoto por pouco não sofre um grave acidente devido à surdez. A cena é presenciada por uma colega de classe que, naquele instante, entende o que é ser surdo. A partir daí surge a solidariedade. Os colegas descobrem que falar com as mãos pode ser divertido e ganham um amigo esperto e inteligente.

"Alguém muito especial"

Miriam Portella (Moderna)

China, um menininho com síndrome de Down, percebeu que não era igual às outras crianças. Tico, seu irmão mais velho, é a principal figura que começa a entender o mundinho de China, e, juntos, criam um sentimento de cumplicidade que move barreiras.



"Joca e Dado: uma amizade diferente"

Henri Zylberstajn e La Casa de Carlota (Leiturinha)

No livro, Joca é um menino neurotípico tímido e não tem muitos amigos. Artista, suas atividades favoritas são pintura e leitura no sossego do seu cantinho. Já Dado, que tem síndrome de Down, é cheio de energia: cantarolar e interagir com todas as pessoas é o que faz seu cotidiano ser do jeitinho que é.



Ao se tornarem amigos, os meninos têm muitas trocas e aprendem juntos. Quando Joca descobre sobre a síndrome de Down do amigo, um novo mundo se abre: lá, ser diferente não é um motivo de preocupação.



"Não somos anjinhos"

Gusti (Solisluna)

Já pensou que crianças com síndrome de Down são apenas... crianças? Além das particularidades, são amorosas, fazem travessuras, ficam felizes em alguns momentos e tristes em outros, assim como qualquer pequeno. Em "Não somos anjinhos", algumas crenças bastante difundidas sobre as crianças com síndrome de Down são desmentidas. Anjinhos? Não!



Mulheres em Rede





is anche, ... la loro guerra anche la loro guerra di Briss anche la



**BELO
HORIZONTE**
PREFEITURA DO POVO

AQUI O TRABALHO NÃO PARA